



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Publicidade
Graduação

HERMES WILLIAM POOZ DE ARAÚJO

**DO PAPEL AOS PIXELS: PESQUISA BIBLIOGRÁFICA
SOBRE PRODUÇÃO GRÁFICA DENTRO DO GOOGLE
ACADÊMICO**

MONOGRAFIA

Brasília

2016

HERMES WILLIAM POOZ DE ARAÚJO

**DO PAPEL AOS PIXELS: PESQUISA BIBLIOGRÁFICA
SOBRE PRODUÇÃO GRÁFICA DENTRO DO GOOGLE
ACADÊMICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Comunicação, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de bacharelado em Comunicação Social - habilitação Publicidade e Propaganda.

Orientador: Wagner Rizzo

Brasília
2016

Dedico esse trabalho à todo amor que recebo de minha família.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente a Deus que me enche ricamente de bençãos. Sou eternamente grato por receber tudo o que preciso e não tudo que quero. Pedi sabedoria e ganhei situações em que eu deveria ser sábio.

Quero agradecer também ao apoio incondicional de meus pais. Obrigado por ensinar o maior conhecimento de todos: o amor.

Wagner, meu orientador, sou muito grato por ter dividido essa caminhada contigo. Minha passagem na UnB foi completa graças a você. Obrigado pelas lições ensinadas.

Por último, deixo o meu grande “Merci!” para meu amigo Nivaldo. Sua ajuda intercontinental permitiu que esse trabalho fosse feito.

Resumo

O presente trabalho procurou investigar o tema “produção gráfica” através do material acadêmico disponível na internet.

Por meio do Google Acadêmico (Google Scholar) foi possível mapear as principais obras sobre o assunto e colher dados sobre os textos que utilizaram estas como referência bibliográfica. E através do cruzamento destes dados, foi possível conhecer a realidade brasileira nesta área de estudo.

Palavras-chave:

Produção Gráfica; Pesquisa Bibliográfica; Google Acadêmico; Comunicação;

Lista de ilustrações

Figura 1 – Evolução da Quantidade de Publicações	23
Figura 2 – Percentual de Obras por Região	24
Figura 3 – Percentual por Tipos de Publicações	25
Figura 4 – Áreas de Conhecimento por Nº de Citações	26
Figura 5 – Áreas de Conhecimento - Região Sudeste	27
Figura 6 – Áreas de Conhecimento - Região Sul	28
Figura 7 – Áreas de Conhecimento - Região Centro-Oeste	29
Figura 8 – Áreas de Conhecimento - Região Norte	30
Figura 9 – Áreas de Conhecimento - Região Nordeste	31
Figura 10 – Relação - Eventos por Ano	32
Figura 11 – Relação - Áreas de Conhecimento por Eventos	33
Figura 12 – Tipos de Textos - Universidade Federal do Rio Grande do Sul	34
Figura 13 – Áreas de Conhecimento - Universidade Federal do Rio Grande do Sul	34
Figura 14 – Tipos de Textos - Universidade Federal de Santa Catarina	35
Figura 15 – Áreas de Conhecimento - Universidade Federal de Santa Catarina	35
Figura 16 – Tipos de Textos - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	36
Figura 17 – Áreas de Conhecimento - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	36
Figura 18 – Tipos de Textos - Universidade Tecnológica Federal do Paraná	37
Figura 19 – Áreas de Conhecimento - Universidade Tecnológica Federal do Paraná	37
Figura 20 – Áreas de Conhecimento - Universidade Federal do Amazonas	38
Figura 21 – Evolução das Palavras-chave	40

Lista de tabelas

Tabela 1 – Nº de Registros de Palavras-chave	39
--	----

Sumário

1	INTRODUÇÃO	8
2	PROBLEMA DE PESQUISA	9
3	JUSTIFICATIVA	10
4	OBJETIVOS	13
5	METODOLOGIA	14
6	QUADRO REFERENCIAL TEÓRICO	19
7	RESULTADOS	21
7.1	Ano de Publicação	23
7.2	Região Geográfica	24
7.3	Tipos de Publicação	25
7.4	Áreas de Conhecimento	26
7.5	Eventos	32
7.6	Universidades	33
7.7	Palavras-chave	38
8	CONCLUSÃO	41
	Referências	42

1 Introdução

O ato de deixar marcas no papel é mágico. Quando estamos colocando tinta no papel estamos deixando um legado. Lembro-me ainda do primeiro livro que ganhei quando criança. Era um exemplar único, de uma história personalizada, a minha história. Os meus pais mandaram informações da família para a editora e ela nos mandou uma obra com personagens que possuíam os nossos nomes. Fiquei fascinado: “Como algo tão importante tinha meu nome?” - pensei dentro da minha inocência. E é exatamente isto o que motiva este trabalho, a fascinação com o impresso, a qual sinto até hoje.

Para Marcel Mauss, as trocas humanas são mais que trocas econômicas. As coisas carregam um “Hau”(MAUSS, 1974), um espírito construído sócio-culturalmente, em que cada objeto carrega o seu valor. Este não é medido somente em forma de capital, numérico. Meus pais não tinham comprado papel com tinta e nem eu tinha ganhado celulose processada e tingida com pigmentos. Não encaramos os livros como tal. E posso dizer que nenhum impresso é assim.

O ato de imprimir está diretamente ligado ao ato de informar. Foi assim que ele surgiu. Reunindo vários inventos e conhecimentos da época, o ourives alemão Johannes Gutenberg cria um processo que permite a produção mais rápida de um livro e com menos erros que a escrita manual. O impacto do invento foi tamanho que ele é o marco da transição para a Idade Moderna.

Livros, mapas, panfletos, jornais, cartazes, revistas, manuais, outdoors, anuários, embalagens, banners, dicionários, rótulos. Seria difícil pensar em um mundo moderno sem tais coisas. Para o teórico canadense Marshall McLuhan, o que modifica a sociedade não são os conteúdos que são transmitidos pelos meios de comunicação, mas sim os próprios meios que são ativos na mudança, “porque é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas” (MCLUHAN, 1969, cap.1). Desta forma, estudar estes meios é imprescindível para entender o próprio homem.

2 Problema de Pesquisa

Para nortear, então, todo o caminho da pesquisa e delimitar este vasto campo de estudo, foi elaborada a seguinte pergunta-base: “Quem está interessado em produção gráfica, segundo o Google Acadêmico?”.

Nota-se que não foi utilizado o termo “impressão”. Neste trabalho, entende-se como “produção gráfica” todo processo que envolve pré-impressão (escolha de método de impressão e os preparativos para tal, como determinação do papel e formato, etc.), a impressão em si (a gravação de algo em uma determinada superfície) e a pós-impressão, conhecida também como “acabamento” (tudo o que é feito para aprimorar o impresso). “Como podemos inferir, produção gráfica é o roteiro, o fio condutor do conjunto das operações que compõem esse processo e geram o impresso acabado” (BAER, 2001).

Este limite foi posto para que não houvesse incoerência durante o trabalho, pois todas estas etapas são essenciais para o resultado final do impresso. Não tem como separá-las. A textura do papel comunica da mesma forma que as palavras impressas nele, por exemplo.

Outro fator importante também foi a fonte da pesquisa. A plataforma de pesquisa acadêmica Google Acadêmico (Google Scholar) foi escolhida por questões metodológicas, que serão explicadas mais à frente.

Desta forma, ao final da pesquisa, procura-se obter uma síntese do pensamento acadêmico sobre este tema. Será que há estudos sobre? Como abordam o assunto? Qual a finalidade das pesquisas? Quem as faz? O que isso reflete na educação brasileira? São respostas a estes questionamentos que tal síntese procura trazer.

3 Justificativa

Quando falamos de comunicação é inevitável não relacioná-la à própria existência do homem. Pinturas rupestres de Lascaux, tábuas de argila da Suméria, Papiro de Rhind, ânforas de Exéquias: todos exemplos da vontade do homem de se comunicar e passar conhecimento para frente, como se para existir, outros deveriam perceber isto.

O conhecimento formalizado existente hoje não é diferente. Precisa estar registrado e estar em algum lugar que não seja apenas na cabeça de outrem. Desta forma, as publicações acadêmicas são a forma deste saber consolidar-se, perpetuar, ser transmitido. Agora, não apenas para o ser humano existir, mas porque há interesses econômicos que incentivam essa produção.

“O saber encontra-se engendrado pelos processos de globalização e de mercantilização. Decorre desses o fato de as inovações e os avanços tecnológicos serem considerados como condição de desenvolvimento econômico.” (LIMA; MIOTO, 2007, p.38)

Esse incentivo aumenta o número de publicações, junto com a oferta de congressos e eventos que apresentam trabalhos científicos. Estes são índices de produtividade de uma “universidade operacional” (CHAUÍ, 1999), que agora está comprometida com resultados. Isto pode levar ao questionamento quanto à qualidade das produções atuais.

“Quanto a essa conjuntura, sem entrar na discussão das suas implicações ético-políticas, pode-se dizer que se, por um lado, ela tem estimulado de forma crescente o número de pesquisas, por outro, pode ser questionada a qualidade das produções.” (LIMA; MIOTO, 2007, p.38)

Comunicação como saber científico não se exclui desta crítica. A pesquisa “realiza uma atividade de aproximações sucessivas da realidade, sendo que esta apresenta ‘uma carga histórica’ e reflete posições frente à realidade” (LIMA; MIOTO, 2007, p.38). Desta forma, esforços devem ser direcionados para que sejam feitas análises sobre o que se tem falado ao longo dos anos, pois, fazendo-se isto, não estaria apenas se analisando a qualidade das publicações em si, mas estaria se fazendo um retrato da realidade vivida.

Há alguns anos, o desenvolvimento tecnológico vem colocando em pauta diversos temas relacionados à tecnologia. Fazendo-se uma breve pesquisa na plataforma Google Acadêmico, na Internet, encontramos 5.360.000 resultados ao procurarmos pela palavra chave “Internet”. A obra mais citada, por exemplo, possui 2.497 citações.

Já, se a pesquisa for para as palavras “Redes Sociais”, temos 680.000 resultados. O livro mais citado dentro do tema é o da Raquel Recuero, “Redes Sociais na Internet”. Lançado em 2011, já possui 2176 citações entre artigos, teses e trabalhos acadêmicos que podem ser encontrados dentro da plataforma de pesquisa citada. Ao longo do trabalho, será mostrada a mecânica deste site de pesquisa e outros dados que darão a dimensão destes números.

É claro que tais temas têm uma abrangência muito maior de campos para se pesquisar. Trata-se de uma base bem genérica que permite diversas outras problematizações que ramificam estes objetos de estudo. Também é fato que se trata de uma “novidade” vivida nos dias de hoje e por isso devem ser estudados. Isso pode justificar a grande incidência desse assunto nas pesquisas acadêmicas. Outro ponto importante é a fonte: a própria Internet, se comparada com a história do conhecimento acadêmico, tem poucos anos que está sendo usada como hospedeira de material científico. Para se ter acesso ao conteúdo, ele tem que estar disponível. O processo de digitalização de obras é moroso e deve ter um motivo claro e um forte interesse para compensar o esforço despendido nesta tarefa. Por este motivo, o conteúdo mais provável disponível na Internet é aquele que veio junto com ela, sendo contemporânea, já criada com as ferramentas que as novas tecnologias permitem, precisando de pouco ou nenhum trabalho de conversão para o meio digital.

Mesmo ciente disso, outras áreas de estudo não podem ser negligenciadas. Até porque a Internet mudou como percebemos o mundo. Ou seja, a própria mudança gera mudança. Ao se trazer uma nova perspectiva, os velhos parâmetros são afetados, gerando uma adaptação com a problematização que foi colocada. Por exemplo, a reforma protestante começada no Século XVI na Alemanha por Martinho Lutero, gerou uma contra-reforma por parte da Igreja Católica. Não é diferente com a produção gráfica: o produto impresso agora é encarado de outra forma. Antes essencial, agora especial. É um produto que ainda tem o seu espaço, mas com demandas diferenciadas.

O impacto que as novas tecnologias e a Internet trouxeram à humanidade é inegável. Velhos processos vêm sendo substituídos pela praticidade que o mundo virtual traz. Não é preciso papel e caneta para se fazer uma conta quando se tem uma calculadora no celular. Também não é necessário ir ao banco fazer transações financeiras quando se tem o serviço de Web Banking. Até as relações entre os indivíduos estão pautadas nas redes sociais da Internet e aplicativos de smartphones. Com o ato de se obter informações também não foi diferente. Revistas eletrônicas e ebooks são frutos das mudanças tecnológicas. Segundo a Pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro (CBL/SNEL/FIPE), o mercado sofreu uma queda nos últimos anos. De 434,91 milhões de exemplares vendidos em 2012, o número caiu para 389,27 milhões em 2015. Quando analisamos o faturamento, a queda é maior

ainda: foram 1,03 bilhões a menos faturados durante o mesmo período de tempo. E o mais curioso é que o preço final para o consumidor também vem caindo. Tudo leva a crer que a própria demanda dos consumidores mudou e que é uma tendência cada vez maior a diminuição do consumo da mídia impressa.

Os próprios jornais sentiram essa mudança. A notícia, que agora é “postada” nas redes sociais, tem um alcance muito mais imediato. Vendo essa demanda, as redações tiveram que migrar para a Internet a fim de atender à necessidade da notícia instantânea, quase que no ato (em alguns casos, realmente sendo). Por outro lado, para as mídias impressas ficou a função de problematizar as notícias, fazer análises mais profundas. Esta é a nova configuração do jornalismo. Consequência disto foi a diminuição de tiragens, por ser um processo que envolve diversos custos e operações. Diminuir a quantidade de impressos e investir na Internet é um movimento comum entre as editoras e jornais.

Diante desse cenário, não é estranho estar curioso com o que a academia tem a dizer sobre este novo paradigma. Afinal, espera-se que do conhecimento científico saiam conceitos que nortearão a sociedade.

4 Objetivos

Este trabalho tem como objetivo fazer uma pesquisa bibliográfica de trabalhos acadêmicos sobre produção gráfica disponíveis no Brasil, dentro do Google Acadêmico, entre os anos 2000 e 2016, a fim de se entender o contexto em que tal assunto está perante o conhecimento formal. Com este estudo compilatório, pode-se analisar não apenas quantitativamente, mas também qualitativamente essas publicações.

Como objetivos secundários, esse estudo pretende verificar:

- O ano que mais se publicou sobre o assunto;
- A região geográfica do Brasil que é mais presente esta temática;
- O tipo de texto acadêmico mais comum sobre o tema;
- A área de conhecimento que mais fala sobre produção gráfica;
- Os eventos acadêmicos que mais apareceram durante a pesquisa;
- As universidades que mais produziram textos sobre o tema;
- As palavras-chave mais presentes nos textos catalogados.

5 Metodologia

“O processo de apreensão e compreensão da realidade inclui as concepções teóricas e o conjunto de técnicas definidos pelo pesquisador para alcançar respostas ao objeto de estudo proposto.” (LIMA; MIOTO, 2007, p.39). Desta forma, a metodologia se torna a técnica de apreensão do conhecimento. É a “lente” que o pesquisador usará para observar tal realidade. Por isso, definir e expor de maneira clara os métodos e seus procedimentos metodológicos é importante na construção de uma pesquisa, sendo o primeiro passo que o pesquisador deve tomar.

“O primeiro passo se caracteriza pela escolha de determinada narrativa teórica que veiculará a concepção de mundo e de homem responsável pela forma como o pesquisador irá apreender as condições de interação possíveis entre o homem e a realidade. Significa que existem diferentes modos de entender a realidade, como também há diferentes posições metodológicas que explicitam a construção do objeto de estudo, a postura e a dinâmica que envolvem a pesquisa, dando visibilidade aos movimentos empreendidos pelo pesquisador nessa direção.” (LIMA; MIOTO, 2007, p.39).

Para este trabalho, o método escolhido foi a pesquisa bibliográfica. Segundo Cervo e Bervian (1983, p.55), as pesquisas bibliográficas “buscam conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema”. Já no artigo “A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento” (PIZZANI; SILVA; HAYASHI, 2012), esse método é definido como uma “revisão de leitura” sobre as principais teorias que direcionam o trabalho científico. Vale ressaltar que essa “revisão de leitura” não é apenas uma revisão bibliográfica, como é comumente confundido.

“Isto acontece porque falta compreensão de que a revisão de literatura é apenas um pré requisito para a realização de toda e qualquer pesquisa, ao passo que a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório. . .” (LIMA; MIOTO, 2007, p.39)

Beuren e Raupp (2006) afirmam que a pesquisa bibliográfica tem como objetivo dar uma “perspectiva histórica” ou, então, “reunir diversas publicações isoladas e atribuir-lhes uma nova leitura”. Então, todas as vezes que pesquisa bibliográfica for mencionada durante este trabalho, entende-se como um método de pesquisa cujo objetivo é atribuir uma nova leitura a respeito de trabalhos já feitos a respeito deste tema.

Para que não haja um descompromisso com a organização racional, é preciso ter uma atenção constante nos objetivos propostos pelo pesquisador. Desta forma, Lima e Miotto (2007) afirmam que “há uma seqüência de procedimentos a ser cumprida e que compreende, de acordo com Salvador (1986), quatro fases de um processo contínuo, onde cada etapa pressupõe a que a precede e se completa na seguinte”.

A primeira delas é a elaboração do projeto de pesquisa, pois esta “consiste na escolha do assunto, na formulação do problema de pesquisa e na elaboração do plano que visa buscar as respostas às questões formuladas.” (LIMA; MIOTTO, 2007, p.40).

A segunda fase é a investigação das soluções, onde há a coleta da documentação. Lima e Miotto (2007) definem dois momentos que, apesar de sucessivos, são distintos nesta etapa: levantamento bibliográfico e levantamento das informações contidas na bibliografia. Esta etapa é o “estudo dos dados e/ou das informações presentes no material bibliográfico”. O resultado da pesquisa está diretamente ligado à quantidade e à qualidade dos materiais coletados.

A análise explicativa das soluções é a terceira fase da pesquisa bibliográfica. Nessa, o pesquisador não explora por mais materiais pertinentes ao estudo, mas busca justificar ou explicar os dados e as informações que o material selecionado contém.

Por último a síntese integradora, que é o resultado da análise e reflexão dos documentos. “Compreende as atividades relacionadas à apreensão do problema, investigação rigorosa, visualização de soluções e síntese.” (LIMA; MIOTTO, 2007, p.41). É a conexão de todo o material levantado, cuja finalidade consiste “na reflexão e na proposição de soluções”.

Seguindo essa lógica, é necessário determinar critérios para a coleta de dados a fim de delimitar o universo de estudo, ajudando na seleção de material. Para isto, Lima e Miotto (2007) definem alguns parâmetros na escolha destes critérios:

a) Parâmetro temático – as obras relacionadas ao objeto de estudo, de acordo com os temas que lhe são correlatos;

b) Parâmetro linguístico – obras nos idiomas português, inglês, espanhol, etc.;

c) Principais fontes que se pretende consultar – livros, periódicos, teses, dissertações, coletâneas de textos, etc.;

d) Parâmetro cronológico de publicação – para seleção das obras que comporão o universo a ser pesquisado, definindo o período a ser pesquisado.

Então, para esta pesquisa, os parâmetros escolhidos foram:

a) Parâmetro temático – Produção gráfica;

b) Parâmetro linguístico – Português;

c) Principais fontes que se pretende consultar – livros, periódicos, monografias, dissertações ou teses;

d) Parâmetro cronológico de publicação – trabalhos publicados entre 2000 e 2016.

Definido os parâmetros, o próximo passo é definir a técnica a ser utilizada para a investigação das soluções. O mais comum em caso de pesquisa bibliográfica é a leitura como principal técnica, “pois é através dela que se pode identificar as informações e os dados contidos no material selecionado, bem como verificar as relações existentes entre eles de modo a analisar a sua consistência.” (LIMA; MIOTO, 2007, p.41).

A investigação das soluções pode exigir a construção de um instrumento que auxilie a identificação dos temas, os conceitos, as considerações que são relevantes para se compreender o objeto estudado.

“A elaboração desse instrumento também obedece a critérios: ele deve estar diretamente relacionado com o objeto de estudo proposto e com a delimitação teórica realizada no projeto de pesquisa; e deve ter a finalidade de proceder a um exame minucioso das obras selecionadas, ocorrendo sua aplicação separadamente em cada obra, sendo que seu preenchimento acontecerá sempre após a referida seqüência de leituras para o levantamento das informações.” (LIMA; MIOTO, 2007, p.39).

Desta forma, foi decidido pelo seguinte roteiro para leitura, que guiará a coleta de dados:

Nome da Obra;

Autor;

Natureza do texto acadêmico;

Ano de publicação;

Editora (se houver);

Local de origem do texto;

Universidade/Faculdade veiculada ao texto;

Área de conhecimento científico relacionada ao trabalho;

As palavras-chave atribuídas;

Revista científica que a divulgou (se houver);

Evento científico que foi apresentado (se houver);

Colhidas as informações, a pesquisa partirá para a parte final de análise e síntese dos dados obtidos, relacionando sempre com o referencial teórico definido

anteriormente. Mercado-Martinez (2004) define essa parte da pesquisa como “circular ou de aproximações sucessivas”, pois é um caminho de raciocínio que ora está nos dados obtidos, ora está no referencial teórico. A prática e a teoria se cruzando, constantemente.

Com o roteiro definido, a fonte foi outro importante passo deste trabalho. Pela abrangência da pergunta-base, optou-se pela plataforma de pesquisa na Internet Google Acadêmico (<https://scholar.google.com.br/>). Projetada por uma das principais empresas da atualidade, essa página, diferentemente da home page da Google (<http://google.com.br/>), além de pesquisar pelas palavras chaves digitadas pelo usuário, procura pela diagramação do texto. Se o arquivo estiver no formato PDF (Portable Document Format), com títulos de corpo grande, e se tiver uma parte separada, intitulada “Bibliografia” ou sinônimo, é o suficiente para ser considerado pelo site uma obra acadêmica.

“Se você é um autor individual, ele funciona melhor simplesmente fazendo o upload do seu papel para o seu site, por exemplo, www.example.edu/~professor/jpdr2009.pdf; E adicione um link para ele em sua página de publicações, como www.example.edu/~professor/publications.html. Certifique-se de que:

- 1- O texto completo do seu trabalho está em um arquivo PDF que termina com “.pdf”,
- 2- O título do papel apareça em uma fonte grande na parte superior da primeira página,
- 3- Os autores do artigo estão listados abaixo do título em uma linha separada, e
- 4- Há uma seção de bibliografia intitulada, por exemplo, “Referências” ou “Bibliografia” no final.

É isso aí! Os nossos robôs de pesquisa devem encontrar normalmente o seu trabalho e incluí-lo no Google Scholar dentro de várias semanas.”¹

Desta forma, o site (por meio de robôs) coleta, organiza e sintetiza páginas da Internet que possuem o formato padrão de uma publicação científica. Isso é uma tremenda vantagem em uma pesquisa bibliográfica, pois não é necessário pesquisar em diversos simpósios ou bibliotecas online.

1

O trecho foi traduzido e retirado do site da própria empresa: “If you’re an individual author, it works best to simply upload your paper to your website, e.g., www.example.edu/~professor/jpdr2009.pdf; and add a link to it on your publications page, such as www.example.edu/~professor/publications.html. Make sure that:

- 1- the full text of your paper is in a PDF file that ends with “.pdf”,
- 2- the title of the paper appears in a large font on top of the first page,
- 3- the authors of the paper are listed right below the title on a separate line, and
- 4- there’s a bibliography section titled, e.g., “References” or “Bibliography” at the end.

That’s it! Our search robots should normally find your paper and include it in Google Scholar within several weeks.” <https://scholar.google.com.br/intl/pt-BR/scholar/help.html#coverage>

O Google Acadêmico ainda entrega os resultados da pesquisa em ordem de “confiabilidade”. Para um artigo científico ficar bem posicionado, além da proximidade com as palavras-chave pesquisadas, o site de origem tem que ser de fonte segura. Outra fator que faz algum título aparecer nos primeiros resultados, é o número de citações que ele tem. Quanto mais citada, mais destaque a obra ganha. Esse ponto foi essencial para esta pesquisa, pois com os livros mais citados, foi possível fazer o mapeamento. Saber as obras e os autores mais citados permite fazer uma cadeia de referência, podendo identificar as mais importantes dentro do assunto. Também auxilia como filtro para pesquisa, pois permite separar as publicações que, apesar das palavras-chave, não contribuem para este trabalho.

É claro que essa plataforma tem algumas limitações. E uma é de formato, pois os arquivos precisam ser “legíveis” para os robôs da empresa. Como é recomendado pelo próprio site:

“Se você for um repositório universitário, recomendamos que você use a versão mais recente do Eprints (eprints.org), do Digital Commons (digitalcommons.bepress.com) ou do software DSpace (dspace.org) para hospedar seus documentos.

Se você usar um produto ou serviço de hospedagem menos comum ou uma versão mais antiga, leia toda a documentação e certifique-se de que seu site atende às nossas diretrizes técnicas.”²

Como a linguagem da programação do banco de dados deve ser compatível com a do padrão de busca, não é garantido que esta pesquisa tenha a abrangência de todos os repositórios online.

2

O trecho foi traduzido e retirado do site da própria empresa: “*If you’re a university repository, we recommend that you use the latest version of Eprints (eprints.org), Digital Commons (digitalcommons.bepress.com), or DSpace (dspace.org) software to host your papers. If you use a less common hosting product or service, or an older version of these, please read this entire documentation and make sure that your website meets our technical guidelines.*”
<https://scholar.google.com.br/intl/pt-BR/scholar/help.html#coverage>

6 Quadro referencial teórico

No texto de Martino (2001), “De que comunicação estamos falando?”, são postos dois motivos da importância de se tentar definir “comunicação”. Primeiro, porque esta é uma área de estudo e trabalho. Segundo, porque para estudar (aprender, refletir) e ensinar é necessário se comunicar. Não existe “educação” sem “comunicação”.

A primeira imagem que vem à cabeça ao se tentar definir este termo é a do diálogo (emissor-mensagem-receptor). Mas, para Martino (2001), seria uma arbitrariedade focar nessa definição sendo que há outros exemplos de comunicação. Computadores em rede, por exemplo, são formas de comunicação que diferem desse simplificado modelo. Diante disso, quanto mais se reflete a respeito do tema, mais se afasta da ideia de que comunicação é apenas uma conversa entre duas pessoas.

A palavra comunicação foi utilizada primeiramente no universo do cristianismo antigo, em que o termo *communicatio* (“atividade realizada conjuntamente”) era usado para chamar as refeições que eram feitas a noite pelos padres e monges depois de horas de isolamento. MARTINO (2001) afirma que para haver comunicação, não deve apenas existir uma relação (algo em comum), mas sim uma intenção de romper o isolamento. Assim, este termo está além das ideias de “participação” (no sentido platônico) e “ter algo em comum”.

O termo comunicação não se aplica nem às propriedades ou o modo de ser das coisas, nem exprime uma ação que reúne os membros de uma comunidade. Ele não designa nem o ser, nem a ação sobre a matéria, tampouco a práxis social, mas um tipo de relação intencional exercida sobre outrem. (MARTINO, 2001, p.14)

Há uma intenção de comunicação por detrás de qualquer impresso, pois ele, em si, é um meio de comunicação. Desta forma, estudar processos de impressão é estudar processos de comunicação. Levando-se em consideração que a comunicação, como saber científico, é pouco explorada, deve-se investir esforços para compreender o objeto de pesquisa dessa disciplina: o processo comunicativo. Afinal, “a importância da comunicação para a vida humana é tão significativa que praticamente não existe ciência humana que possa prescindir de seu estudo.” (MARTINO, 2001, p.18-19)

Nesta pesquisa, foi usado como base teórica o artigo “Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica”, de Telma Cristiane Sasso de Lima e Regina Célia Tamasso Miotto. Trata-se de uma obra que trabalha a pesquisa bibliográfica no contexto da produção do conhecimento. Isto significa:

“(. . .) realizar um movimento incansável de apreensão dos objetivos, de observância das etapas, de leitura, de questionamentos e de interlocução crítica com o material bibliográfico, e que isso exige vigilância epistemológica.” (LIMA; MIOTO, 2007, p.37)

7 Resultados

A primeira dificuldade da pesquisa foram as próprias palavras-chave pesquisadas. Imprimir vem do latim *imprimere* (in no sentido de “sobre” mais *premere*, “apertar”). Significa então, “apertar contra, estampar, comprimir”¹. Quando Johannes Gutenberg adaptou uma prensa de vinho para marcar o papel usando a pressão, criou o princípio do primeiro sistema de impressão moderna: a tipografia. Até mesmo a litografia, um sistema mais rústico, tem essa premissa de contato (e depois a pressão) com uma matriz e uma mídia. Os chineses, muito antes de Gutenberg, usavam pedra ou madeira para fazer um molde e “carimbavam” o papel ou tecido.

Porém, com o desenvolvimento da língua portuguesa a palavra fora ganhando outras aplicações que não apenas a técnica. Impressão significa “apertar” ou também tem o sentido de sensação: “Estou com má impressão sobre isso”, por exemplo. Se pesquisar “impressão” dentro do Google Acadêmico, obtém-se diversos resultados que não se encaixam neste trabalho.

Produção gráfica, o termo técnico aqui trabalhado, também teve alguns problemas parecidos. A palavra “gráfico” vem do latim *graphicus*, que significa “desenhado por mão de mestre, perfeito, completo” ou do grego *grafikós*, que pode ser traduzido como “capaz de desenhar ou de pintar”². Desta forma, ao procurar “Produção Gráfica”, os resultados encontrados estavam relacionados à confecção de desenhos feitos à mão em determinado contexto (cultura indígena, tratamento de pacientes em hospitais ou infância, por exemplo). Nessa etapa foi decisivo o uso do Google Acadêmico. Como já mencionado, o sistema de relevância que a Google utiliza permitiu com que as obras mais citadas viessem primeiro no resultado da busca online.

Então, ao procurar o termo “produção gráfica”, no dia 29 de Agosto de 2016, tais obras foram as mais citadas:

- Produção gráfica de Lorenzo Baer com 114 citações;
- Produção gráfica para designers de Marina Oliveira com 71 citações;
- Produção gráfica de James Craig com 49 citações;
- Produção gráfica: arte e técnica da mídia impressa de Antonio Celso Collaro com 45 citações;
- Fundamentos de produção gráfica: para quem não é produtor gráfico de

¹ Origem da Palavra, Iguais ou quase iguais. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/site/pergunta/iguais-ou-quase-iguais/>>. Acesso em 15 de Novembro de 2016.

² Priberam, “Gráfico”. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/gr%C3%A1fico>> Acesso em 15 de Novembro de 2016

Amaury Fernandes com 39 citações;

- Produção gráfica II: papel, tinta, impressão e acabamento de Mário Carramillo Neto com 36 citações;

- História do Pensamento Ocidente de Bertrand Russell com 278 citações;

- Novo manual de produção gráfica de David Bann e E. Furmankiewicz com 24 citações;

- Produção gráfica para designers de Andre Villas-Boas com 26 citações;

- Livro vermelho da fauna ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul de Carla S. Fontana, Glayson A. Bencke e Roberto E. Reis com 236 citações.

Logo em seguida, o buscador online apresentava 223.000 resultados na pesquisa das palavras-chave “produção gráfica” (221.000 se usado o filtro “Sites em português”). Porém, em uma primeira leitura, nota-se que a maioria dos textos não tratam de impressão em si. Isso ocorreu por causa da ambiguidade dos termos pesquisados como explicado anteriormente. Desta forma, uma solução prática para que a pesquisa fosse viável foi a escolha da catalogação dos textos que citaram as obras mais relevantes, seguindo o critério de mais citações.

Por se tratarem de obras técnicas, que apresentam os processos de impressão e o universo que os envolvem, tendem a centralizar a atenção de pesquisadores que se preocupam com os processos gráficos. As obras “História do Pensamento Ocidental” e “Livro vermelho da fauna ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul” e seus respectivos autores não foram considerados por não tratarem necessariamente do objeto de estudo aqui investigado.

Seguindo o roteiro de leitura apresentado na metodologia deste trabalho, foram catalogadas 199 obras. Note que o resultado é menor que a soma das citações que foram apresentadas (404). Este fato ocorreu porque, em alguns casos, não foi possível entrar no site hospedeiro do texto, impossibilitando a coleta de dados. Houve também muitas obras repetidas: citaram duas ou mais das 8 obras usadas como base. Destas repetições, 43 foram retiradas para não atrapalhar o resultado final. Outro fator que contribuiu para esta diferença, foi a captação pelos robôs de pesquisa da Google de planos de disciplinas de cursos, disponíveis na Internet. Desta forma, na prática, o número real de textos acadêmicos disponíveis para verificação foi menor.

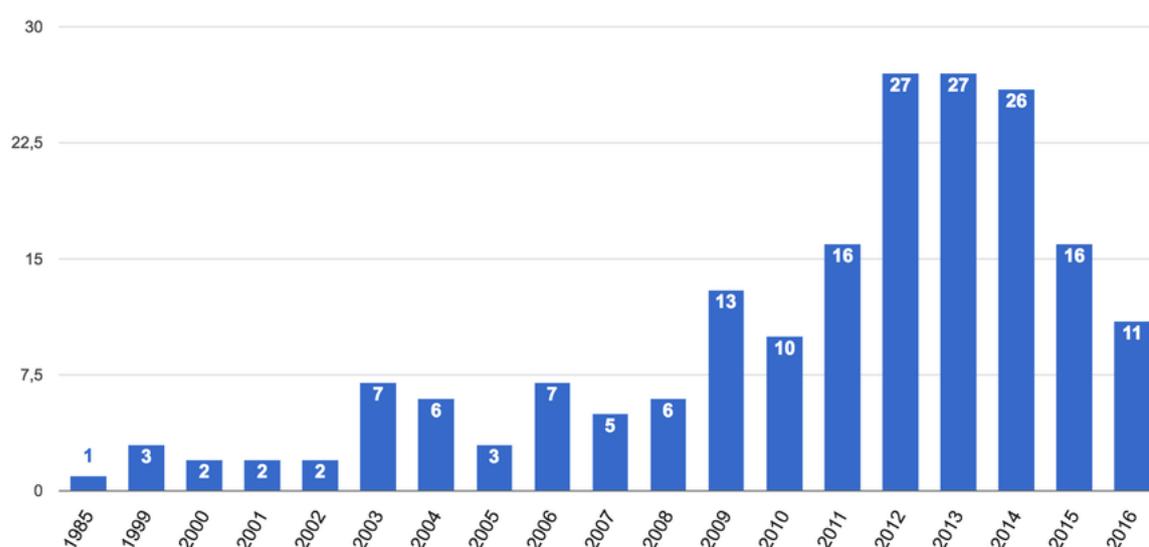
Outra dificuldade enfrentada foi a falta de padronização encontrada nos meios acadêmicos. O não uso das regras da ABNT ou omissão de informações básicas como cidade, ano, ou universidade a qual é atribuída a publicação, impediram o mapeamento completo através de uma coleta de dados mais fidedigna. Desta forma, a democratização que a Internet permite de nada adianta se não for de linguagem

comum a todos. Isso vale para o leitor que esbarra na falta de informações que impedem citações. Também vale para os arquivos digitais que precisam ser legíveis para máquinas e assim se tornarem acessíveis.

Em seu livro “Métodos e Técnicas de Pesquisa Social”, Antonio Carlos Gil fala sobre a importância de se ter dados mensuráveis para que uma preposição atinja o status de hipótese científica “Para tanto, suas variáveis devem ser operacionalizadas, ou seja, traduzidas em conceitos mensuráveis.” (GIL, 2010, p.79). Desta maneira, cruzando algumas informações da coleta feita, foi possível obter tais resultados, que podem ser conferidos a seguir.

7.1 Ano de Publicação

Figura 1 – Evolução da Quantidade de Publicações

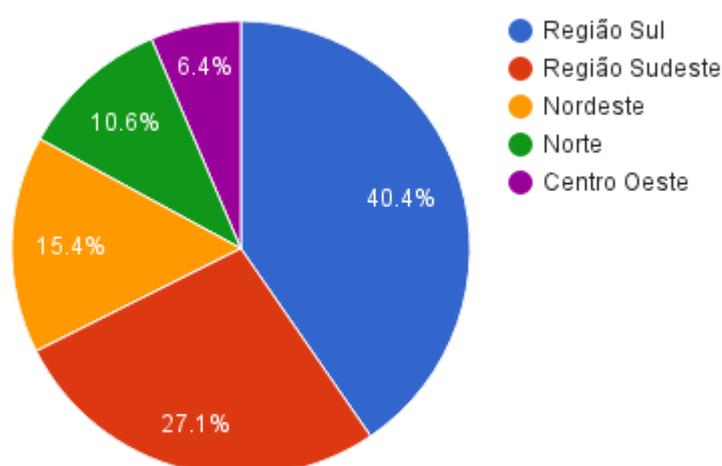


Como podemos ver no gráfico, a maioria dos textos foram publicados entre 2012 (27) e 2013 (27), sendo aproximadamente 27,13% das publicações. Juntando com 2014 (26), corresponde a 40,2% das obras pesquisadas. Outro ponto importante é que o ano letivo de 2016 ainda não foi fechado até a data da elaboração desta pesquisa. O que pode justificar sua baixa presença em obras publicadas.

Apesar do enfoque da pesquisa catalogar publicações lançadas depois dos anos 2000, foi possível encontrar uma obra de 1985 e três datadas de 1999, sendo estas as pesquisas mais antigas encontradas. Pela pouca quantidade, elas foram deixadas a fim de construção de histórico.

7.2 Região Geográfica

Figura 2 – Percentual de Obras por Região

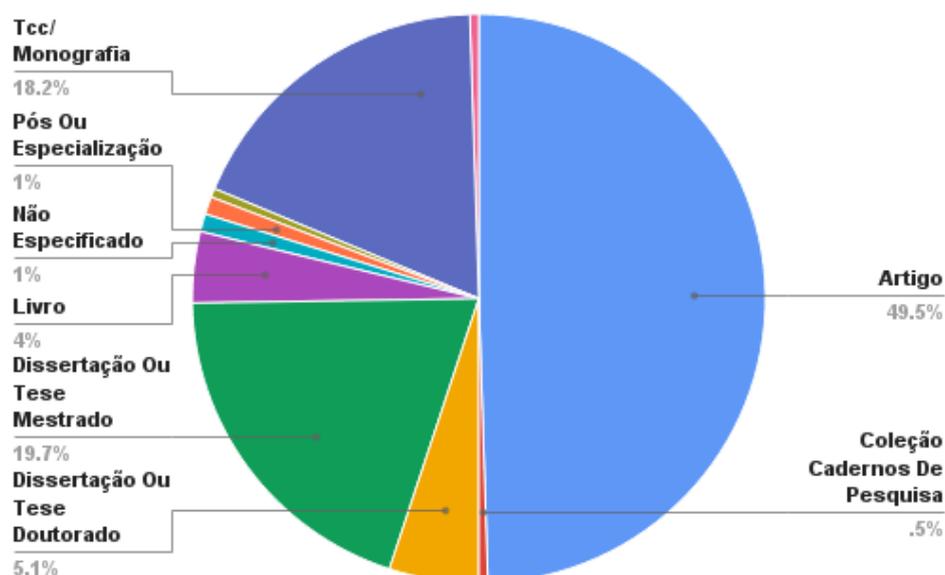


Como cada obra menciona em qual cidade foi publicada, é possível inferir em qual região geográfica a publicação teve origem. Ao separar por regiões, observa-se uma certa centralização do eixo sul/sudeste. Foram 76 obras distribuídas em 18 cidades na Região Sul. As capitais dos três estados da região foram as que mais publicaram (22 em Porto Alegre-RS, 17 em Florianópolis-SC e 12 em Curitiba-PR). Já na região Sudeste foram 51 títulos, cuja maior parte se concentrou em São Paulo-SP, com 19 menções. A cidade de Bauru, do estado de São Paulo, foi a segunda mais mencionada, com 8 publicações, seguida do Rio de Janeiro (5 publicações), Belo Horizonte e Viçosa (2 publicações cada). As demais cidades da região foram citadas apenas uma única vez.

A Região Centro-Oeste teve 12 publicações, sendo 7 de Brasília-DF. Com 11 publicações, Manaus-AM, foi a cidade que mais apareceu da Região Norte, que teve 20 publicações no total. E na Região Nordeste foram 29 publicações, sendo Fortaleza-CE a cidade que mais teve publicações dentro da região, com 8 aparições.

7.3 Tipos de Publicação

Figura 3 – Percentual por Tipos de Publicações



Durante a catalogação, apareceram textos de diversas naturezas. Isto foi registrado para se entender qual tipo de publicação mais fala sobre produção gráfica. Para fim de análise, alguns nomes encontrados foram agrupados. Por exemplo, trabalhos de conclusão de curso, monografias, diplomação ou qualquer outro tipo de publicação com valor de conclusão de um curso de nível superior foram agrupados no grupo TCC/Monografia.

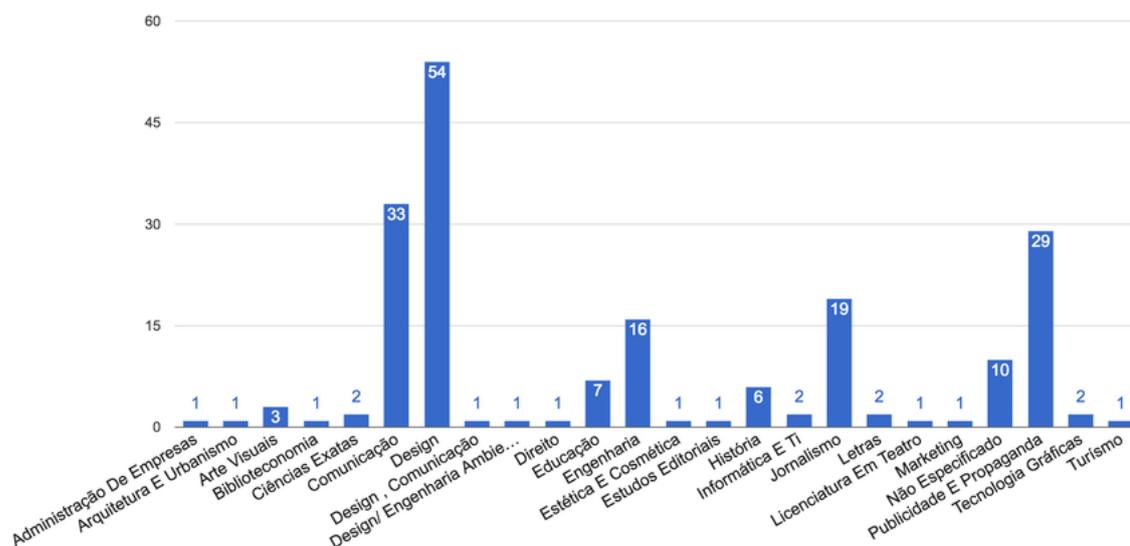
Pelo gráfico acima, é notório como os artigos são a grande maioria das publicações. Pela sua natureza introdutória e pontual, a quantidade de artigos ao longo da vida acadêmica tende a ser maior. Outro fato que pode justificar esta quantidade, é o número de eventos científicos que acontecem todos os anos. Motivados por professores e universidades, participar de tais eventos fomenta o engajamento em pesquisas científicas, a fim de gerar índices de produtividade.

“Isso implica em um aumento significativo no estímulo às atividades de pesquisa, como também os seus resultados têm sido exigidos no âmbito das instituições de ensino responsáveis pela formação de novos

pesquisadores, particularmente no âmbito da pós-graduação.” (LIMA; MIOTO, 2007, p.38)

7.4 Áreas de Conhecimento

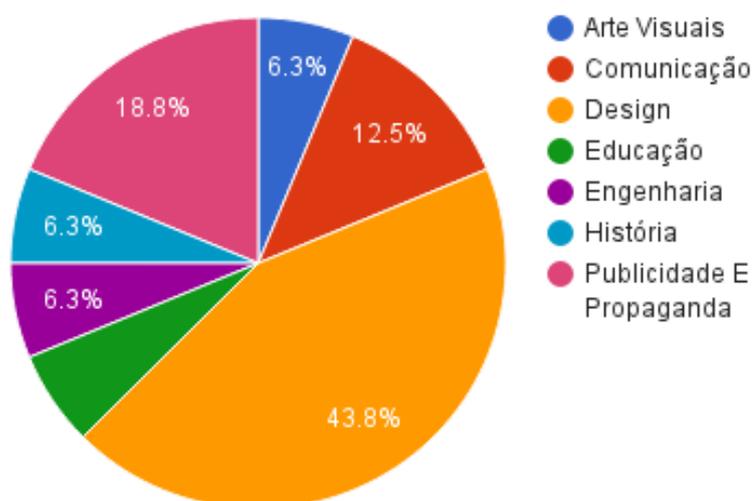
Figura 4 – Áreas de Conhecimento por N° de Citações



Quando foram observadas as áreas de conhecimento originárias dos trabalhos, a grande maioria vinha do Design. Foram 54 trabalhos, representando 27,41% de todas as publicações catalogadas. A segunda área que mais apareceu foi Comunicação, com 33 obras (16,75%), seguido de Publicidade e Propaganda, com 29 obras (14,72%) e Jornalismo, onde foram encontrados 19 títulos (9,64%).

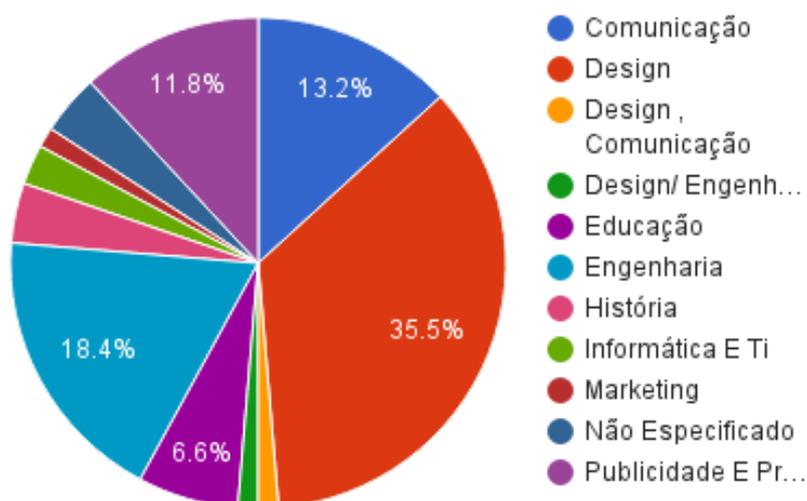
Cruzando as informações por região, podemos obter os gráficos a seguir:

Figura 5 – Áreas de Conhecimento - Região Sudeste



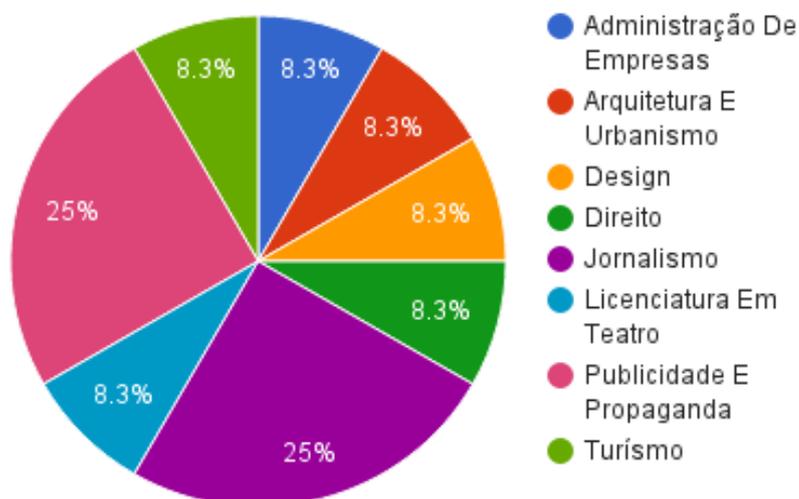
Dá para perceber que Design é a área de conhecimento que mais tem publicações com a bibliografia básica de produção gráfica, com 43,8% dos textos. Em seguida vem Publicidade e Propaganda, com 18,8% e Comunicação, com 12,5%.

Figura 6 – Áreas de Conhecimento - Região Sul



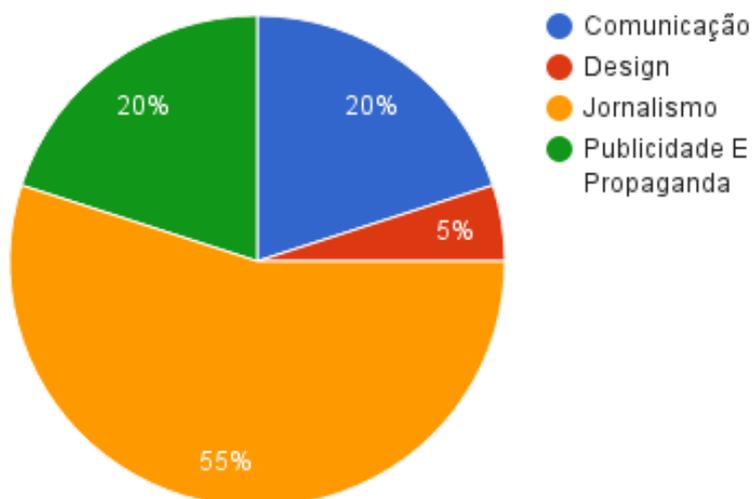
A Região Sul seguiu a mesma tendência, demonstrando que o Design foi a área que mais apareceu, com 35,5% das publicações. Note que há duas outras categorias, “Design, Comunicação” e “Design/Engenharia”. Isso ocorreu devido a natureza híbrida dos textos que contaram com autores de mais de uma disciplina.

Figura 7 – Áreas de Conhecimento - Região Centro-Oeste



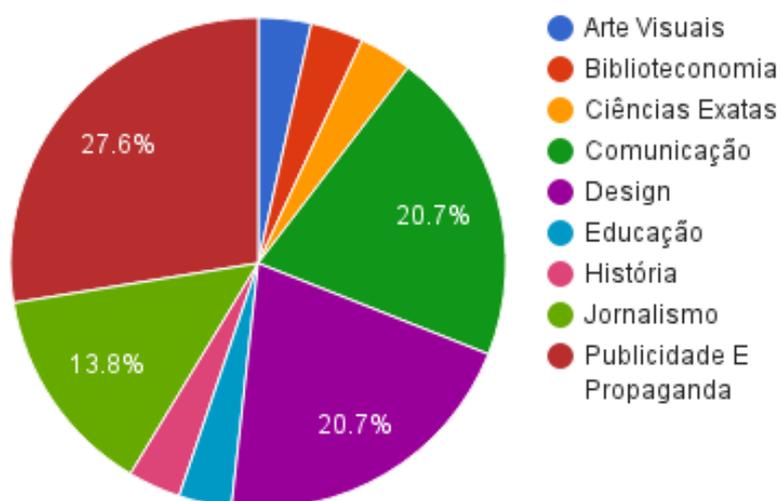
No Centro-Oeste, houve um certo equilíbrio com 25% das publicações oriundas da Publicidade e Propaganda e 25% do Jornalismo. As demais áreas de conhecimento ficaram com 8,3%.

Figura 8 – Áreas de Conhecimento - Região Norte



O Jornalismo foi predominante nas publicações da Região Norte do país, com 55%. Ao contrário de Design que foi o menos citado, ficando com apenas 5% das publicações. Foi a Região que o Design, como área de conhecimento, foi a menos citada.

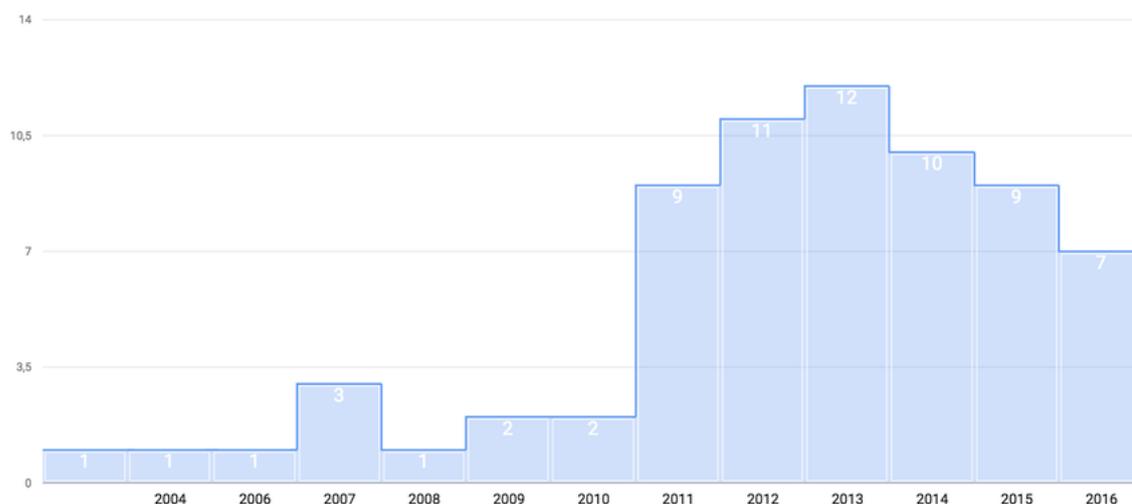
Figura 9 – Áreas de Conhecimento - Região Nordeste



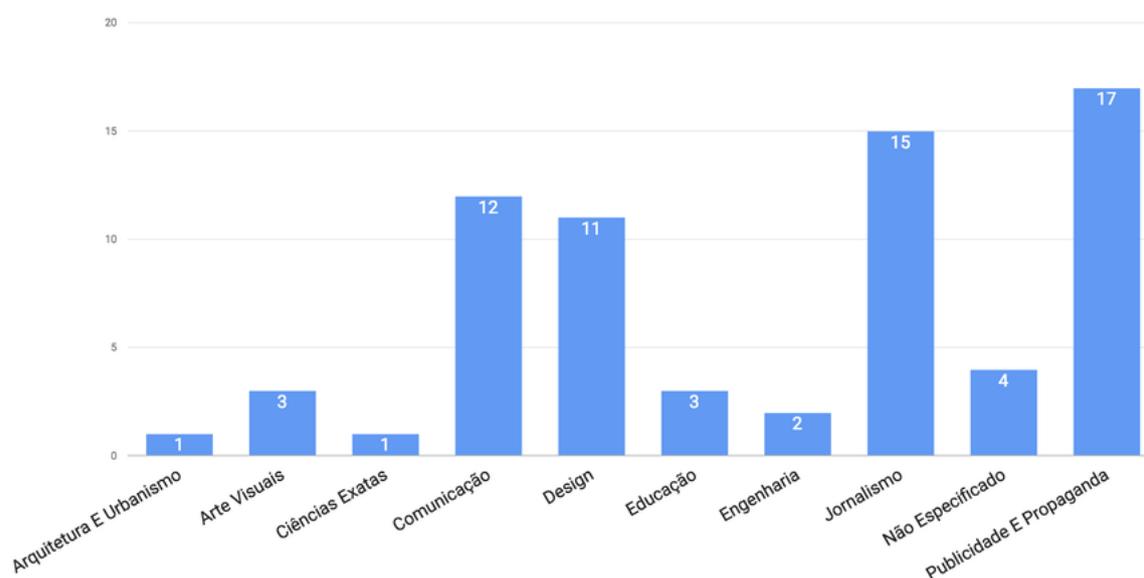
Na Região Nordeste, Publicidade e Propaganda foi a área que mais apareceu. Apresentou 27,6% das publicações. Seguida de Comunicação e Design, ambas com 20,7%. Jornalismo teve 13,8% das publicações. Por fim, as demais áreas obtiveram apenas 8,6% das publicações.

7.5 Eventos

Figura 10 – Relação - Eventos por Ano



Durante a pesquisa, foram mencionados 42 eventos diferentes. Ou seja, das 199 obras catalogadas, 71 participaram de algum evento de carácter científico. O Prêmio Expocom - Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação, foi o evento que mais teve edições mencionadas. Foram 8 edições ao todo (de 2009 a 2016) sendo que a maior participação foi com 6 artigos (tanto em 2014 quanto 2016). No gráfico acima é possível ver a relação entre os eventos encontrados e os anos. Nota-se que há uma queda de publicações que utilizam conhecimento sobre produção gráfica nos eventos a partir de 2013, ano que teve o ápice de artigos (12 obras).

Figura 11 – Relação - Áreas de Conhecimento por Eventos

No entanto, quando relacionamos área de conhecimento com os eventos catalogados, observamos que Publicidade e Propaganda é o saber científico que mais produziu obras cuja a bibliografia apresentou preocupação com produção gráfica. O curioso foi que Design foi apenas a quarta área que mais mandou trabalhos dessa natureza (apenas 11). O que contrasta com o número total de trabalhos cuja origem foi Design, que foram 54 títulos, como dito anteriormente, na Figura 3.

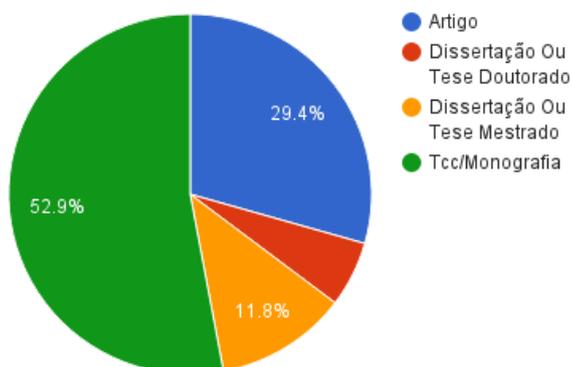
7.6 Universidades

Em toda a pesquisa, cinco universidades se destacaram enquanto quantidade de publicações:

- Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho”;
- Universidade Federal de Santa Catarina;
- Universidade Federal do Amazonas;
- Universidade Federal do Rio Grande Do Sul;
- Universidade Tecnológica Federal do Paraná;

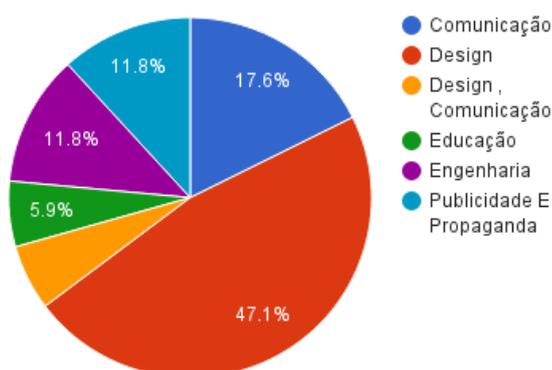
Das universidades, a mais citada foi a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, aparecendo em 17 textos diferentes. Destes, 9 foram TCC ou Monografias e 5 foram Artigos, como pode ser visto no gráfico abaixo:

Figura 12 – Tipos de Textos - Universidade Federal do Rio Grande do Sul



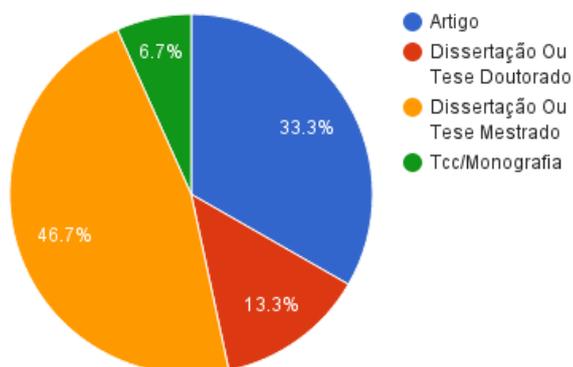
Quando se trata de área de conhecimento, Design é a maioria, com 8 títulos advindos deste curso. Comunicação vem em seguida, com apenas 3 textos. Note que há uma categoria que mescla Design e Comunicação. Isso ocorreu pois houve um artigo que teve dois autores de áreas diferentes.

Figura 13 – Áreas de Conhecimento - Universidade Federal do Rio Grande do Sul



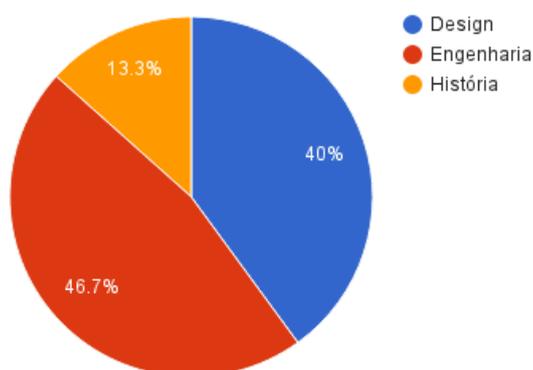
Já, a Universidade Federal de Santa Catarina, foi a segunda mais mencionada, com 15 referências. Destas, 7 são dissertações ou Tese de Mestrado. Artigos são 5, seguidos de Dissertação ou Tese de Doutorado (2 títulos) e 1 um Trabalho de Conclusão de Curso.

Figura 14 – Tipos de Textos - Universidade Federal de Santa Catarina



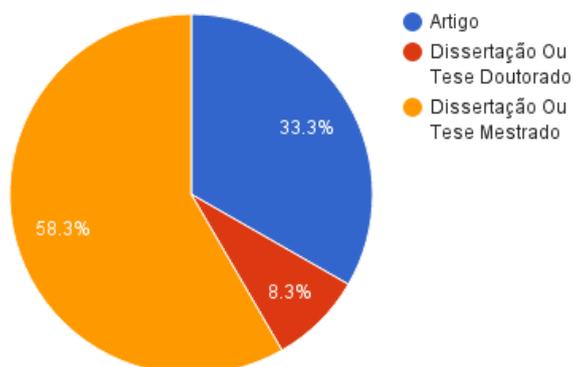
Tratando-se de Área de Conhecimento, a Engenharia lidera com 7 textos. Seguida de Design (6) e História (2). Dos centros universitários, este mostrou o resultado mais incomum, se comparado às demais instituições.

Figura 15 – Áreas de Conhecimento - Universidade Federal de Santa Catarina



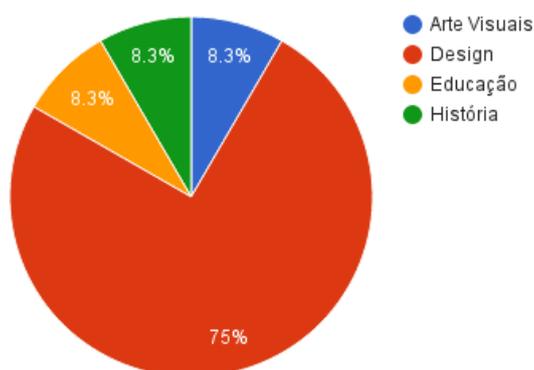
A Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” foi a terceira universidade com mais incidência neste estudo, com 12 publicações. Destas, 7 foram Dissertações ou Teses de Mestrado. Já os artigos, foram 4, e apenas 1 dissertação de Doutorado.

Figura 16 – Tipos de Textos - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho



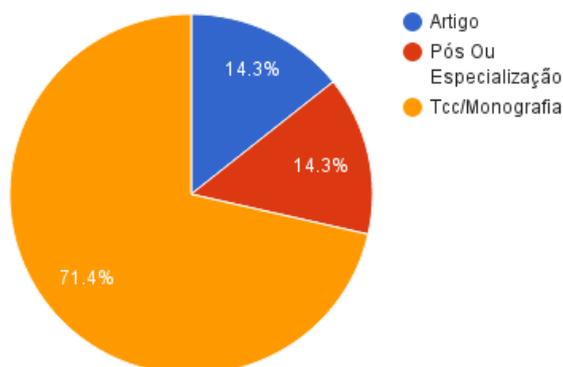
Quando se observa as áreas de conhecimento relacionadas às obras, 9 delas são oriundas do Design. Os cursos de Artes Visuais, Pedagogia e História, tem apenas uma obra cada.

Figura 17 – Áreas de Conhecimento - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho



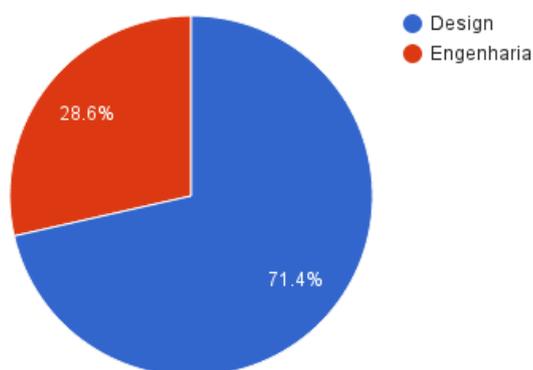
A Universidade Tecnológica Federal do Paraná foi a quarta universidade que mais apareceu, com 7 obras. A maioria destas (5), foram classificadas como Trabalhos de Conclusão de Curso. Teve também uma obra classificada como Trabalho Final para Especialização. Por último, foi encontrado um Artigo.

Figura 18 – Tipos de Textos - Universidade Tecnológica Federal do Paraná



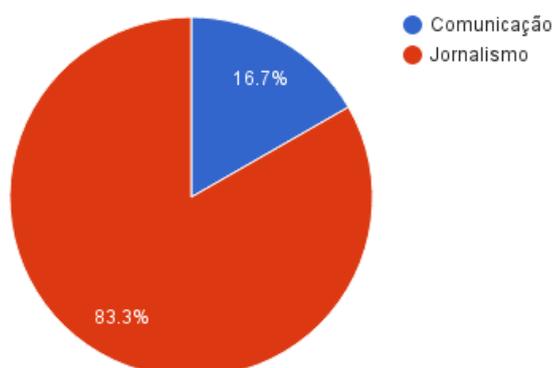
Tratando-se das áreas que foram encontradas, temos 5 obras vindas do Design e 2 da Engenharia.

Figura 19 – Áreas de Conhecimento - Universidade Tecnológica Federal do Paraná



Outra universidade que se destacou das demais, devido à quantidade de obras que foram encontradas, foi a Universidade Federal do Amazonas. As 06 obras encontradas nesta pesquisa são Artigos. Destes, 05 são de Jornalismo e 01 de Comunicação gerando o gráfico a seguir.

Figura 20 – Áreas de Conhecimento - Universidade Federal do Amazonas



Por fim, o que outro levantamento importante foi a ausência de pesquisas vinculadas à Escola SENAI “Theobaldo De Nigris”. O Instituto é referência no Brasil, ganhando menção “A” do Ministério da Educação em Abril de 2002 pelo curso Técnico de Celulose e Papel. Também é a única instituição de ensino superior a oferecer curso de “Produção Gráfica”.

Criada em 1945 foi a primeira escola de Artes Gráficas do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), em São Paulo-SP. Atualmente, o centro de ensino se chama Escola SENAI “Theobaldo De Nigris”. Com cursos de nível técnico e superior, o aluno pode aprender desde a produção do papel até conhecimentos mais específicos, como embalagem.

A ausência de um simpósio online desta faculdade não permite que o conhecimento gerado seja encontrado na *Internet*. Por sua vez, isto impede a leitura, a referência e a pauta do assunto “produção gráfica”.

7.7 Palavras-chave

Para entender mais sobre o assunto que cada obra encontrada tratava, optou-se por registrar as palavras-chave que elas carregavam. Analisar como os autores classificam suas próprias obras permite ter uma noção da intenção e temas que pretendiam ser estudados.

Foram registradas 491 palavras-chave. Vinte obras não puderam ser contabilizadas, pois não apresentavam palavras-chave. Este fato diminuiu a quantidade total, impedindo uma análise ainda mais precisa. Novamente a falta de padronização foi um obstáculo.

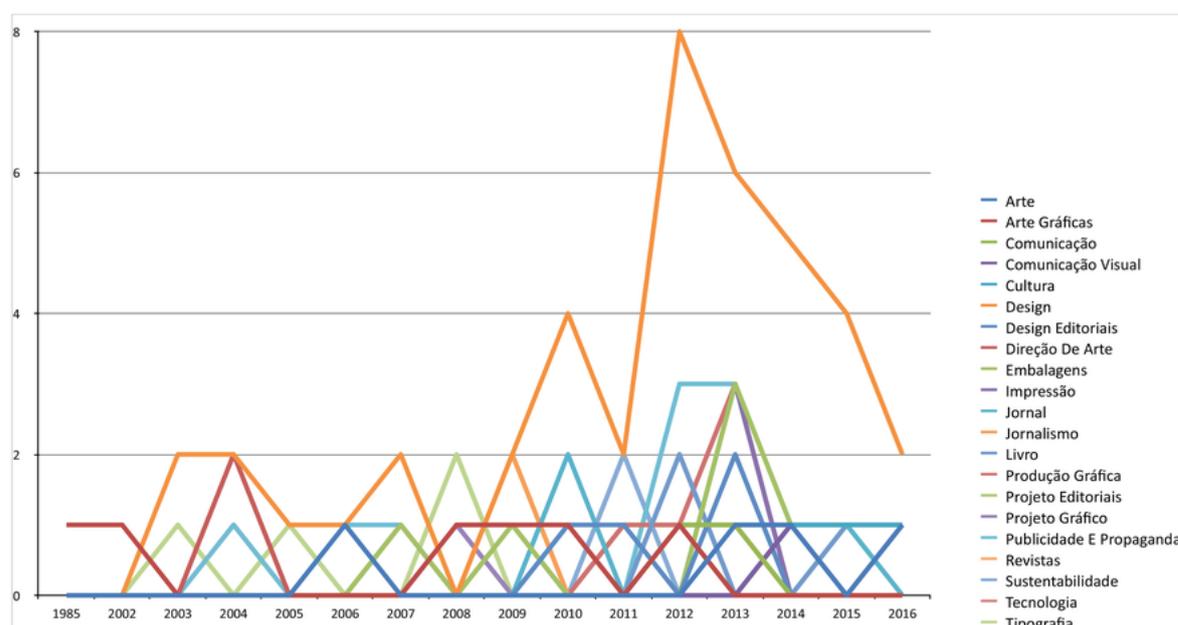
Colocando tais palavras em ordem de repetição, as que mais apareceram, de acordo com a Tabela 1, foram:

Tabela 1 – Nº de Registros de Palavras-chave

PALAVRAS-CHAVE	Nº de Registros
Design	42
Publicidade e Propaganda	12
Comunicação	10
Jornalismo	8
Produção Gráfica	8
Tipografia	8
Revista	7
Artes Gráficas	6
Comunicação Visual	6
Embalagens	6
Sustentabilidade	6
Design Editoriais	5
Direção de Arte	5
Arte	4
Cultura	4
Impressão	4
Jornal	4
Livro	4
Projeto Editoriais	4
Projeto Gráfico	4
Tecnologia	4

Comparando-se com os anos em que elas apareceram, obtemos este gráfico:

Figura 21 – Evolução das Palavras-chave



É muito representativo o uso da palavra-chave “Design”. Este fato mostra que, em se tratando de impressos, há uma preocupação muito grande com sua aparência. Outro dado que chama a atenção é o pouco uso do termo “Produção Gráfica”. Por se tratarem de textos que referenciavam livros técnicos de impressão, era esperado uma maior incidência de obras cujo objetivo fosse investigar o tema. Porém, foi observado que esta é uma área apoio de outros estudos. Ou seja, quando o pesquisador procura por tal assunto, ele espera suporte para a sua pesquisa. O foco não é a produção gráfica em si. Prova disto é a baixa incidência de palavras relacionadas à impressão (papel, tinta, impressão, etc), tanto em títulos quanto nas palavras-chave.

8 Conclusão

Ao longo deste trabalho, percebe-se que os pesquisadores vêem a produção gráfica como um conhecimento apoio. Prova disto está no próprio Google Acadêmico: das 10 obras mais bem colocadas em “relevância”, segundo o site, 8 são obras técnicas. Ou seja, o suporte técnico é o mais importante para os autores que se interessam pela área. Porém, como se pode perceber com o mapeamento de dados, a impressão em si não costuma ser o tema central de estudos.

Percebe-se também que se trata de uma área com material acadêmico de baixa disponibilidade na Internet. A pouca presença em eventos científicos e falta de um simpósio online da única faculdade especializada em produção gráfica no Brasil, a SENAI Theobaldo De Nigris, talvez seja sintomas e causas de uma baixa preocupação acadêmica para com assunto. Por meio do cruzamento de dados das pesquisas disponíveis no Google Acadêmico, conclui-se tratar de uma área de interesses dispersos e pouco significativos diante da quantidade de trabalhos acadêmicos que são publicados todos os anos.

As mudanças tecnológicas e mercadológicas colocam em pauta temas que são trabalhados pelos pesquisadores. Isso se dá pela aproximação que a ciência tem que ter com a realidade vivida. Ao longo dos anos o papel impresso deixou de ser essencial perdendo espaço para os meios digitais. De igual forma, na ciência, vai também perdendo espaço para as novidades tecnológicas.

De indispensável e rotineiro, o produto gráfico passa ser incomum, mas que carrega um valor agregado. Agora, trata-se de um produto que exige uma elaboração mais sofisticada, tanto de conteúdo quanto de acabamento. Não obstante disso o “design” está comumente relacionado à produção gráfica, como pode ser visto nessa pesquisa.

Referências

- BAER, L. *Produção Gráfica*. 3. ed. São Paulo: Senac, 2001.
- BEUREN, I. M.; RAUPP, F. Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências Sociais. In: *Como Elaborar Trabalhos Monográficos em Contabilidade*. São Paulo: Atlas, 2006.
- CERVO, I.; BERVIAN, P. A. *Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários*. São Paulo: McGraw-Hill, 1983.
- CHAUÍ, M. Reforma do Ensino Superior e Autonomia Universitária. *Revista Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 61, p. 118 – 126, 1999.
- GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. [S.l.]: Atlas, 2010.
- LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. T. Procedimento Metodológico na Construção do Conhecimento Científico: a pesquisa bibliográfica. *Katál*, Florianópolis, n. 10, p. 37 – 45, 2007.
- MARTINO, L. C. De que Comunicação Estamos Falando? In: *Teorias da Comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão nas trocas das sociedades arcaicas. In: _____. *Sociologia e Antropologia VII*. São Paulo: Edusp, 1974.
- MCLUHAN, M. *Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem*. [S.l.]: Cultrix, 1969.
- MERCADO-MARTINEZ, F. J. O Processo de Análise Qualitativa dos Dados na Investigação Sobre Serviços de Saúde. In: VOZES (Ed.). *Pesquisa Qualitativa de Serviços de Saúde*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2004. p. 137 – 174.
- PIZZANI, L.; SILVA, R. B.; HAYASHI, M. A Arte da Pesquisa Bibliográfica na Busca do conhecimento. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciências da Informação*, Campinas, v. 10, n. 01, p. 53 – 66, jul/dez 2012.